

## **Poema(s) da Cabra**

**João Cabral de Melo Neto**

Enviado por:

Publicado em : 24/02/2008 12:00:00

Nas margens do Mediterrâneo  
não se vê um palmo de terra  
que a terra tivesse esquecido  
de fazer converter em pedra.

Nas margens do Mediterrâneo  
Não se vê um palmo de pedra  
que a pedra tivesse esquecido  
de ocupar com sua fera.

Ali, onde nenhuma linha  
pode lembrar, porque mais doce,  
o que até chega a parecer  
suave serra de uma foice,

não se vê um palmo de terra  
por mais pedra ou fera que seja,  
que a cabra não tenha ocupado  
com sua planta fibrosa e negra.

1

A cabra é negra. Mas seu negro  
não é o negro do ébano duto  
(que é quase azul) ou o negro rico  
do jacarandá (mais bem roxo).

O negro da cabra é o negro  
do preto, do pobre, do pouco.  
Negro da poeira, que é cinzento.  
Negro da ferrugem, que é fosco.

Negro do feio, às vezes branco.  
Ou o negro do pardo, que é pardo.  
disso que não chega a ter cor  
ou perdeu toda cor no gasto.

É o negro da segunda classe.  
Do inferior (que é sempre opaco).  
Disso que não pode ter cor

porque em negro sai mais barato.

2

Se o negro quer dizer noturno  
o negro da cabra é solar.  
Não é o da cabra o negro noite.  
É o negro de sol. Luminar.

Será o negro do queimado  
mais que o negro da escuridão.  
Negra é do sol que acumulou.  
É o negro mais bem do carvão.

Não é o negro do macabro.  
Negro funeral. Nem do luto.  
Tampouco é o negro do mistério,  
de braços cruzados, eunuco.

É mesmo o negro do carvão.  
O negro da hulha. Do coque.  
Negro que pode haver na pólvora:  
negro de vida, não de morte.

3

O negro da cabra é o negro  
da natureza dela cabra.  
Mesmo dessa que não é negra,  
como a do Moxotó, que é clara.

O negro é o duro que há no fundo  
da cabra. De seu natural.  
Tal no fundo da terra há pedra,  
no fundo da pedra, metal.

O negro é o duro que há no fundo  
da natureza sem orvalho  
que é a da cabra, esse animal  
sem folhas, só raiz e talo,

que é a da cabra, esse animal  
de alma-carço, de alma córnea,  
sem moelas, úmidos, lábios,  
pão sem miolo, apenas cõeada.

4

Quem já encontrou uma cabra

que tivesse ritmos domésticos?  
O grosso derrame do porco,  
da vaca, do sono e de tédio?

Quem encontrou cabra que fosse  
animal de sociedade?  
Tal o cão, o gato, o cavalo,  
diletos do homem e da arte?

A cabra guarda todo o arisco,  
rebelde, do animal selvagem,  
viva demais que é para ser  
animal dos de luxo ou pajem.

Viva demais para não ser,  
quando colaboracionista,  
o reduzido irredutível,  
o inconformado conformista.

5

A cabra é o melhor instrumento  
de verrumar a terra magra.  
Por dentro da serra e da seca  
não chega onde chega a cabra.

Se a serra é terra, a cabra é pedra.  
Se a serra é pedra, é pedernal.  
Sua boca é sempre mais dura  
que a serra, não importa qual.

A cabra tem o dente frio,  
a insolência do que mastiga.  
Por isso o homem vive da cabra  
mas sempre a vê como inimiga.

Por isso quem vive da cabra  
e não é capaz do seu braço  
desconfia sempre da cabra:  
diz que tem parte com o Diabo.

6

Não é pelo vício da pedra,  
por preferir a pedra à folha.  
É que a cabra é expulsa do verde,  
trancada do lado de fora.

A cabra é trancada por dentro.

Condenada à caatinga seca.  
Liberta, no vasto sem nada,  
proibida, na verdura estreita.

Leva no pescoço uma canga  
que a impede de furar as cercas.  
Leva os muros do próprio cárcere:  
prisioneira e carcereira.

Liberdade de fome e sede  
da ambulante prisioneira.  
Não é que ela busque o difícil:  
é que a sabem capaz de pedra.

7

A vida da cabra não deixa  
lazer para ser fina ou lírica  
(tal o urubu, que em doces linhas  
voa à procura da carniça).

Vive a cabra contra a pendente,  
sem os êxtases das decidas.  
Viver para a cabra não é  
re-ruminar-se introspectiva.

É, literalmente, cavar  
a vida sob a superfície,  
que a cabra, proibida de folhas,  
tem de desentranhar raízes.

Eis porque é a cabra grosseira,  
de mãos ásperas, realista.  
Eis porque, mesmo ruminando,  
não é jamais contemplativa.

8

O núcleo de cabra é visível  
por debaixo de muitas coisas.  
Com a natureza da cabra  
outras aprendem sua crosta.

Um núcleo de cabra é visível  
em certos atributos roucos  
que têm as coisas obrigadas  
a fazer de seu corpo couro.

A fazer de seu couro sola,

a armar-se em couraças, escamas:  
como se dá com certas coisas  
e muitas condições humanas.

Os jumentos são animais  
que muito aprenderam com a cabra.  
O nordestino, convivendo-a,  
fez-se de sua mesma casta.

9

O núcleo de cabra é visível  
debaixo do homem do Nordeste.  
Da cabra lhe vem o escarpado  
e o estofo nervudo que o enche.

Se adivinha o núcleo de cabra  
no jeito de existir, Cardozo,  
que reponta sob seu gesto  
como esqueleto sob o corpo.

E é outra ossatura mais forte  
que o esqueleto comum, de todos;  
debaixo do próprio esqueleto,  
no fundo centro de seus ossos.

A cabra deu ao nordestino  
esse esqueleto mais de dentro:  
o aço do osso, que resiste  
quando o osso perde seu cimento.

\*

O Mediterrâneo é mar clássico,  
com águas de mármore azul.  
Em nada me lembra das águas  
sem marca do rio Pajeú.

As ondas do Mediterrâneo  
estão no mármore traçadas.  
Nos rios do Sertão, se existe,  
a água corre despenteada.

As margens do Mediterrâneo  
parecem deserto balcão.  
Deserto, mas de terras nobres  
não da piçarra do Sertão.

Mas não minto o Mediterrâneo

nem sua atmosfera maior  
descrevendo-lhe as cabras negras  
em termos da do Moxotó.

Texto extraído do livro "João Cabral de Melo Neto - Obra completa", Editora Nova Aguilar - Rio de Janeiro, 1994, pág. 254.

\*\*\*\*\*